

Apresentação

A edição temática da Revista de Educação Pública que apresentamos, traz como foco de abordagem, pesquisas e reflexões que entrelaçam *Saberes e Identidades: Povos, Culturas e Educações*.

Essa temática nos chega por demanda dos setores sociais, sobretudo os mais vulneráveis e que produzem, efetivamente, pelo trabalho, as bases da vida social, econômica simbólica, inclusive de genocídio, e carecem, em face da expropriação, exploração e desvalia, de formas de um sentido ético-praxiológico que dê sentido à vida, em meio à miséria política do sistema.

Com esse desafio posto assumimos como pauta, não distante dos grandes debates internacionais, nacionais e locais, a erupção das diferenças étnico-culturais que se defronta com as tentativas da paralisia global, imposta pela ordem dos setores dominantes, que retomam as mesmas e bolorentas velhas fantasias. Todas elas de *modernidades ilustradas* que voltam ao que dizia Allain Touraine à *Guerra da Ordem contra o Movimento*, de uma população que sempre resistiu e se recria, mesmo das cinzas, e, sempre, mas sobretudo, neste território bororo que é Cuiabá, cujo coração africano, e certa radicalidade na dança, não deixa tempo para sonolência, mas sobrepuja uma contribuição à ciência escrita a partir de outras cosmovisões e epistemologias.

Nos pautamos à contribuição da Ciência e Tecnologia à VIDA, e sua dimensão fundante, a PÚBLICA, que se estende no/para além do Estado.

Neste número da Revista de Educação Pública, dialogamos com 13 instituições diferentes para problematizarmos os saberes e as identidades dos povos indígenas, suas culturas e educações. Os autores e autoras, de diversas partes do país, tecem considerações a partir de estudos e pesquisas desenvolvidas com diferentes povos indígenas do Brasil. As contribuições pautam o *bem-viver* como uma das muitas coisas que temos a aprender com os saberes, as culturas e as educações indígenas, pois problematizam as línguas, as pedagogias, os processos de ensinar e aprender, as resistências aos instrumentos e as formações, as criações e recriações das escolas e de suas perspectivas para o enfrentamento à colonialidade e ao embranquecimento eurocêntrico que permeiam as políticas de escolarização indígena.

Brevemente, passamos a apresentar os textos e autores desta edição especial:

Neste tempo de relações complexas num mundo conectado a informações e desencantado com relações cada vez mais fragmentadas, embora globalizadas, Reinaldo Fleuri nos desafia a aprendermos com os povos indígenas, assim como propõe Viveiros de Castro, sob o enfoque decolonial e não-colonial dos estudos interculturais. O autor dialoga com as resistências, concepções e políticas que sustentam o *bem-viver* indígena e faz conexões desse com as concepções e pedagogias freireanas.

Professor e pesquisador do Amazonas, Gersem Luciano, cuja ação política no campo da educação extrapola sua ação como liderança Baniwa, conhecedor profundo dos problemas da educação e das lutas dos povos indígenas frente à educação escolar indígena que se mantém *fortemente colonialista, eurocêntrica e branqueocêntrica*, nos desafia com seu texto a analisarmos *o lugar das línguas indígenas nas cosmologias e na vida contemporânea dos povos indígenas*, afirmando a relevância das dimensões políticas e transcendentais entre os seres que co-habitam os mundos indígenas, na qual os mais velhos assumem papel fundamental.

As pesquisadoras professoras Joelma Alencar e Francilene Parente, a partir de seus contextos, campos de conhecimento e instituições diferentes, atuam com formações de professores indígenas no Pará e, neste texto escrito conjuntamente, dialogam sobre dados empíricos que nos ajudam refletir sobre as especificidades das infâncias e das demandas dos processos próprios de aprendizagens, que nas escolas devem ser consideradas tendo por referência o projeto societário de cada povo indígena.

Professor João Gomes e Professora Adir Nascimento, ele de Rondônia e ela de Mato Grosso do Sul, fazem uma análise das pesquisas desenvolvidas pelos intelectuais indígenas que abordam os temas da territorialidade, dos processos próprios de ensino-aprendizagem e da educação escolar Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul. Nesse recorte, articulam concepções de infância e de pedagogias indígenas.

O artigo de Eunice de Paula, cuja vivência com o Povo Tapirapé lhe permite uma inserção de pesquisadora e linguista para além de um campo acadêmico, nos desafia a dialogar com autores pós-coloniais para analisarmos a presença dos saberes e valores indígenas que transformam os processos de escolarização, para que as escolas indígenas possam ser de fato escolas nas quais se reconhecem os próprios indígenas.

Rita Nascimento, como liderança do Povo Potiguara, pesquisadora e gestora da educação escolar indígena frente à SECADI/MEC, neste texto nos leva a *ouvir* nas falas dos professores e lideranças indígenas, o movimento indígena por direitos à educação e suas perspectivas sobre escola, currículo e interculturalidade.

Clovis Brighenti ao pesquisar os índices do IDEB em relação às escolas indígenas de Santa Catarina, analisa de forma crítica sobre a metodologia e ideologia presente nessas avaliações que se impõem de forma desrespeitosa aos povos indígenas e seus processos próprios de aprendizagens, ao mesmo tempo em que reflete sobre os baixos índices apresentados pelos indígenas como forma de resistência à colonialidade imposta.

Os pesquisadores Alceu Zoia e Matilde Mendes apresentam os dados da pesquisa realizada na fronteira dos dois estados em que residem, Mato Grosso e Rondônia, respectivamente, junto ao Povo Paiter-Suruí da Terra Indígena PaitereyKarah. Nesta, analisam as práticas político-pedagógicas e suas relações com os etnoconhecimentos

do povo a fim de compreender como os termos: específica, diferenciada, multilíngue e intercultural aparecem na educação escolar deste povo.

Da experiência do primeiro curso superior indígena do Brasil, os professores Adailton da Silva, Waldinéia Ferreira e Lucimar Ferreira, analisam as etapas intermediárias que compõem o currículo da formação do curso de magistério como um espaço de formação que denominam de *interações, teias, tramas e nexos entre aldeia-universidade*.

Linguistas e estudosas da educação Chiquitana, as professoras Ema Dunck e Aurea Santana, dialogam com autores decoloniais para pontuar a formação de professores das comunidades que compõem a Terra Indígena Portal de Encantado, frente aos desafios do que chamam de *seu novo mundo*, que demanda competências de registrar a cultura e valorizar os saberes ancestrais, ao mesmo tempo em que produzem *ciência* e definem suas práticas pedagógicas.

Assim, nesta edição, esperamos oportunizar com os autores e textos selecionados para esse número da Revista de Educação Pública, confrontando-os com a diversidade de culturas, que implica a música mais efusiva e comunitária, ecos do foco voltado à Vida. Por sua centralidade à Ciência e Tecnologia, constitui-se como uma contribuição de uma Universidade com compromisso político inadiável, que reacende a chama de ultrapassar as formas delinquentes e destrutivas no que concerne às políticas públicas de participação democrático popular.

IKUIA-PÁ, Território do Povo Bororo!

Profa. Dra. Beleni Saléte Grandó

Profa. Dra. Tatiane Lebre Dias

Prof. Dr. Luiz Augusto Passos

Coordenação Geral do Seminário de Educação 2016